



Elizabeth Bishop: notas biográficas de uma escritora norte-americana

Tiago Ribeiro dos Santos*

Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brazil

doi: 10.7447/dc.2013.005

INFORMAÇÕES

Histórico:
Recebido em
25/09/2012

Revisado em:
06/03/2013

Aceito em:
19/03/2013

Palavras-chave:
Elizabeth Bishop, Biografia,
Ouro Preto

AUTORES

TRS
* tiago19_ufop@yahoo.com.br
Doutorando em Literatura

RESUMO

Durante sua estada no Brasil, e particularmente em Ouro Preto – onde viveu durante algum tempo –, Elizabeth Bishop torna-se a figura emblemática da mulher que quebra tabus sociais ao mesmo tempo em que se debate na resolução de graves problemas de saúde. Tomando de empréstimo o pensamento de Sílvia Anastácio (1999), nossa perspectiva recai sobre o uso que a escritora fez das imagens para a criação de seus poemas, sobretudo daquelas que representam o cotidiano da cidade histórica onde viveu. Além disso, verificamos em que medida as produções de Bishop – tais como cartas, manuscritos e aquarelas – contribuem para esboçar algumas notas biográficas que, de certa forma, dialogam com sua produção literária.

ABSTRACT

TITLE: Elizabeth Bishop: biographical notes of an american writer

During her stay in Brazil, and particularly in Ouro Preto - where she lived for some time - Elizabeth Bishop becomes the emblematic figure of the woman who breaks social taboos at the same time she struggles to solve serious health problems. Following the thoughts of Sílvia Anastácio (1999), our perspective is focused on the use that the writer made of images to create her poems, especially those which represent the daily life of the historic town where she lived in Brazil. Furthermore, we verify which works by Bishop – such as letters, manuscripts and watercolors – contribute to draft some biographical notes that somehow dialogue with her literary production.

Key-words: Elizabeth Bishop, biography, Ouro Preto.

Você não sabia? Deu no jornal:
pra resolver o problema social,
estão jogando os mendigos num canal.
[Elizabeth Bishop]

A presença da poesia de Elizabeth Bishop no Brasil constitui um marco que atravessa sobremaneira a história da Literatura Brasileira do século XX. Assim como outros poetas – como Manuel Bandeira, Murilo Mendes ou Carlos Drummond de Andrade – a poetisa pôde esboçar um retrato poético do Brasil por meio de sua experiência como moradora de Petrópolis e da histórica Ouro Preto, que contemplava durante o período em que viveu nessa cidade.

Nascida a 08 de Fevereiro de 1911, em Worcester, Massachusetts, Bishop perdeu o pai poucos meses depois do seu nascimento. Em consequência de um trauma decorrente da morte do marido, a mãe da escritora foi internada em 1916 numa casa de recuperação onde permaneceu até 1934, ano em que falece. Infelizmente, durante esse período de internação, mãe e filha nunca mais se falaram. No entanto, essa memória de perdas precoces vai percorrer toda a sua trajetória, até que, ao final de sua vida, é transformada em material poético, tal como podemos verificar no poema “One Art”:

Uma Arte

A arte de perder não é nenhum mistério;
tantas coisas contêm em si o acidente
de perdê-las, que perder não é nada sério.

Perca um pouquinho a cada dia. Aceite, austero,
a chave perdida, a hora gasta bestamente.
A arte de perder não é nenhum mistério.

Depois perca mais rápido, com mais critério:
lugares, nomes, a escala subsequente
da viagem não feita. Nada disso é sério.

Perdi o relógio de mamãe. Ah! e nem quero
lembrar a perda de três casas excelentes.
A arte de perder não é nenhum mistério.

Perdi duas cidades lindas. E um império
que era meu, dois rios, e mais um continente.
Tenho saudade deles. Mas não é nada sério.

— Mesmo perder você (a voz, o ar etéreo
que eu amo) não muda nada. Pois é evidente
que a arte de perder não chega a ser mistério

por muito que pareça (Escreve!) muito sério¹.

Se o poema acima pode ser considerado, em suas devidas proporções, uma projeção de elementos biográficos da escritora, a sua longa estada no Brasil não deixará de ser menos importante para a criação de imagens poéticas que percorrerão sua produção durante o tempo em que residiu no nosso país.

Entre os anos de 1951 e 1967, Elizabeth Bishop viveu entre Rio de Janeiro e Petrópolis, na companhia de Lota Macedo Soares, uma urbanista que, embora sem diploma, teve participação ativa no projeto de construção do Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. Não deixa de ser uma fase conturbada na vida de Elizabeth, sobretudo no final do relacionamento entre as duas mulheres, marcado pelo suicídio de Lota em Nova York. Quando ainda contava com a companhia de Lota, Bishop fez algumas viagens a Ouro Preto e se entusiasmou com a arquitetura em pedra-sabão das igrejas e capelas que visitou. Nesse período, sua amizade com a dinamarquesa Lili Correia de Araújo intensifica-se a partir da hospedagem que Lili oferece a Elizabeth em sua então fundada Pousada do Chico Rei, uma pousada onde a poetisa fazia questão de se hospedar em suas viagens à cidade mineira.

Na verdade, Elizabeth Bishop frequentava também a casa de Lili, para quem é dedicado o poema "Under the window: Ouro Preto", o qual transcrevemos uma parte a seguir, segundo a tradução de Paulo Henriques Brito:

Conversas singelas: fala-se de comida,
ou: "Quando minha mãe me penteia, machuca."
"Mulheres." "Mulheres!"
Mulheres com vestidos

vermelhos, sandálias plásticas, e bebês
quase invisíveis – agasalhados, só os
olhos de fora, no calorão – que elas
desembrulham

e levam até a água, e dão de beber
com mãos sujas e amorosas, aqui
onde antes
havia uma fonte, e onde todos passam².

Bishop, assim como outros autores, poetas ou romancistas – como o mineiro Guimarães Rosa –, conseguia extrair poesia das conversas e das imagens mais banais do cotidiano. Tal como o próprio Rosa, Bishop anotava os burburinhos mais comezinhos da cidade, para logo transformá-los em produção estética. Ao longo do poema, é importante notar imagens como a do motorista do caminhão Mercedes-Benz que lava o rosto na água, a da tropa de burros que vai matar a sede, ou a das pessoas que passam para beber a água que desce do morro. Tudo isso era visto por meio da janela da casa de Lili, de quem, posteriormente, Bishop torna-se vizinha, a partir da compra da casa que tinha um "enorme jardim murado e o telhado mais bonito de Ouro Preto".

Da janela da casa de Lili, Elizabeth registra suas impressões acerca do povo ouropretano, conforme assinala Renata Gonçalves Gomes (2010), para quem a janela é o ponto de partida do poema. Ao traçar um paralelo entre a poesia de Bishop e do poeta mineiro Murilo Mendes, a

pesquisadora define este tipo de poesia a partir de seus pontos de abstração, uma vez que, enquanto o sujeito poético de Murilo Mendes constitui uma espécie de flaneur a caminhar pela cidade, o eu-lírico do poema de Elizabeth Bishop contempla as cenas cinematograficamente da sua janela. Como postula a pesquisadora,

Bishop, ao praticar o "esporte da janela", acaba por deixar de ser turista, mas também não se naturaliza mineira provinciana: é o parapeito da janela que faz com que Bishop se posicione no poema, que seja exatamente o "ser e o não ser" (...) (GOMES, 2010, p. 64)

Da forma como estabelece Renata Gomes, a janela marca um local intermediário entre o espaço particular da casa e o espaço público da rua. Trata-se de um sujeito poético que dá a conhecer ao leitor o ponto de vista estrangeiro de alguém que contempla o dia-a-dia de uma cidade de vida pacata, tal como já o fez o poeta Carlos Drummond de Andrade, ao construir imagens poéticas de sua terra natal. A "vida besta" do poema drummondiano é ressignificada pelo olhar de Bishop a partir de uma espécie de moldura que ela tem diante de seus olhos. E é justamente nesse espaço pictórico que vai se dar a construção de imagens no poema, pois como o quer Sílvia Anastácio, "a visualidade serve como ponto de partida para a poesia de Bishop; as imagens geradoras que vão alimentando e nutrindo o crescimento de ideias nos seus poemas são fundamentalmente de ordem visual." (ANASTÁCIO, 1999, p. 18).

De acordo com o estudo efetuado por Sílvia Anastácio em *O jogo das imagens no universo da criação de Elizabeth Bishop* (1999), a poetisa já declarara em vida a sua vontade de tornar-se pintora, daí a concomitante profusão de signos verbais e visuais que emanam de seus textos. Em sua produção poética, são utilizados tropos como a metáfora – cujas imagens conferem um caráter de maior plasticidade ao texto – e a metonímia, com o objetivo de fazer falar por meio de uma parte a totalidade das imagens.

Em relação aos textos produzidos por Bishop, percebemos que sua produção poética é inundada por questões biográficas, que perfazem uma rede de memórias acumuladas ao longo de sua vida. Nesse sentido, as viagens realizadas pela escritora revelam, conforme postula Sílvia Anastácio, uma transformação dos espaços geográficos em poesia, como fica evidente no seu poema em que o eu-lírico contempla o cotidiano da cidade mineira por meio do quadro dado pela janela de sua casa.

É importante destacar que Bishop estava constantemente de partida e nos seus rituais viajados a poetisa levava consigo cada viagem, inclusive incorporando-a em sua produção poética. Não é à toa que muitas de suas obras têm nomes ligados à geografia, como os títulos *North & South, Questions of Travel, Geography III*. Como nos lembra a pesquisadora Anabela Mateus (2005), talvez o uso da geografia em seus trabalhos tenha se constituído como uma forma de a escritora procurar o seu próprio lugar no mundo. Segundo Mateus, "para ela, as viagens e os poemas eram claramente a forma de tomar parte na ação, de procurar essa 'casa' em vez de ficar num quarto a imaginar como seria." (MATEUS, 2005, p. 116). Nesse sentido, o Brasil – e em especial a cidade de Ouro Preto – constitui uma das casas de Bishop ao longo de sua trajetória como escritora e também como difusora da Literatura Brasileira no exterior.

Apesar de ter produzindo somente textos voltados para leitores de sua língua materna – a língua inglesa – enquanto morou no Brasil, a escritora traduziu poemas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto e Joaquim Cardozo, reunidos numa antologia intitulada *An Anthology of Twentieth Century Brazilian Poetry* (1972), além de três contos da consagrada

1 Tradução de José Paulo Paes contida em: BISHOP, Elizabeth. "O banho de xampu" e "Uma arte". Trad. Paulo Henriques Brito. *Revista paLavra*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 108, 1994. O poema original encontra-se em: BISHOP, Elizabeth. *The complete poems – 1927-1979*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1991.

2 Cf. o poema original em: BISHOP, Elizabeth. *The complete poems – 1927-1979*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1991. p. 153-154.

romancista Clarice Lispector.

É interessante ressaltar, como pondera Eduardo Batista (2009), que as traduções efetuadas por Bishop foram financiadas por uma política de “boa vizinhança”, entre Brasil e Estados Unidos, uma vez que vários programas institucionais – e dentre eles os do Departamento de Estado dos EUA – ofereciam bolsas para as publicações sobre o Brasil. Na verdade, todo esse panorama de financiamento de pesquisas voltado para os interessados em estudar a cultura brasileira insere-se no contexto posterior à segunda grande guerra, quando os EUA almejava reunir aliados para se fortalecer durante a Guerra Fria.

Nesse contexto, Bishop produziu um livro de viagem sobre o Brasil, publicado pela editora Time-Life, em 1962. Como a intenção da escritora era esboçar um retrato local e peculiar sobre o nosso país – o que entrava em desacordo com os propósitos da Time-Life, que pretendia mostrar uma visão mais contemporânea do Brasil –, ocorreu um mal-estar entre a escritora e os editores da Time-Life, que propuseram alterações para o seu livro.

Enquanto em sua literatura de viagem Bishop procurou retratar os aspectos pitorescos do Brasil, em suas traduções a escolha recaiu sobre autores marcadamente modernos, como uma forma de fazer com que o Modernismo Brasileiro fosse divulgado nos Estados Unidos. Como afirma Eduardo Batista,

Com toda a ambiguidade presente em sua atitude, Bishop definitivamente exerceu um importante papel de mediadora cultural, divulgando nossa literatura moderna nos países em língua inglesa, além de divulgar nossa cultura em geral, seja em seus textos, cartas e demais projetos em que se envolveu. (BATISTA, 2004, p. 87)

Em entrevista concedida ao crítico e amigo Ashleu Brown, Bishop destaca que o Modernismo Brasileiro assumiu uma feição diferente da verificada nos Estados Unidos. A escritora, mesmo considerando a revolução artística proposta pela Semana de Arte Moderna de 1922, acreditava que a Literatura Brasileira ainda mantinha uma conexão muito forte com o Romantismo, pois, para ela, os escritores brasileiros modernistas ainda não produziam uma arte vinculada totalmente a elementos populares, utilizando, por exemplo, a linguagem coloquial. Segundo suas palavras endereçadas a Brown, “a poesia brasileira é muito mais formal que a nossa – ela é mais distante do popular. É verdade que eles tiveram um movimento modernista em 1922, liderado por Mário de Andrade e outros. Mas eles ainda não escrevem do modo que falam.” (MONTEIRO, 1996, p. 19 apud BATISTA, 2009, p. 22).

A partir do estudo da trajetória biográfica e literária de Elizabeth Bishop, notamos que vida e obra por vezes se confundem, o que faz com que sua biografia possa ser considerada, por si só, uma espécie de obra de arte. Antes de sua morte, ocorrida em 06 de Outubro de 1979, a poetisa teve que lidar com muitas questões que sempre tiveram um peso excessivo em sua vida, tais como a perda dos pais, a perda de sua companheira brasileira que conhecera em 1942, em Nova York, o alcoolismo, a depressão e suas graves crises de asma. Além disso, há que considerarmos a complexa relação que manteve com suas companheiras, pois além de Lota, Bishop passou um tempo em Ouro Preto ao lado de uma americana que sofria de problemas psicológicos e que, após romper seu relacionamento com ela, ganha o direito na justiça de não ter seu nome incluso nos relatos sobre a poetisa.

Vítima da doença e de relações conturbadas, Elizabeth Bishop é protagonista de uma história em que ela mesma torna-se personagem. Embora fosse muito influente no meio da cultura e da academia americanas de sua época, ela decide se recolher numa casa em que não sofresse o peso e a angústia da produção literária – veja-se que, se comparada a outros

poetas, a produção de Bishop não é extensa – e ainda viver um tipo de relação estranha à sociedade daquele tempo. Ao fim e ao cabo, Bishop se ficcionalizou para suportar o peso de suas próprias contradições.

6. Referências

- ANASTÁCIO, S. M. G. *O jogo das imagens no universo da criação de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Annablume, 1999.
- BATISTA, E. L. A. O.; VIEIRA, Else R. P. Sir Richard Burton e Elizabeth Bishop: Pioneiros na tradução da literatura brasileira em língua inglesa. *Ipotesi*, v. 13, n. 1, p. 13-25. 2009.
- BISHOP, E. "O banho de xampu" e "Uma arte". Trad. Paulo Henriques Britto. *Revista paLavra*, n. 2, p. 108, 1994.
- BISHOP, E. *O iceberg imaginário e outros poemas*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BISHOP, E. *The complete poems – 1927-1979*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1991.
- GOMES, R. G. “Murilo Mendes e Elizabeth Bishop: poesia abstrata em Ouro Preto”. *Boletim de pesquisa NELIC: edição especial*. v. 3, p.62-69. 2010.
- MATEUS, A. “Elizabeth Bishop: esboços de uma vida”. *Revista Babilônia*, n. 2-3, p. 113-128, 2005.
- MONTEIRO, G. (ed.) *Conversations with Elizabeth Bishop*. Jackson: University Press of Mississippi, 1996.